

A RELEVÂNCIA MORAL DA HOMOSSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA ESPÍRITA

Roberto Valadão Fortes



Primeiro levaram os negros. Mas não me importei com isso. Eu não era negro.

Em seguida levaram alguns operários. Mas não me importei com isso. Eu também não era operário.

Depois prenderam os miseráveis. Mas não me importei com isso. Porque eu não sou miserável.

Depois agarraram uns desempregados. Mas como tenho meu emprego. Também não me importei.

Agora estão me levando. Mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém. Ninguém se importa comigo.

Bertold Brecht (1898-1956)

Vamos nos envolver votando pela aprovação do PLC 122/2006, que criminaliza a homofobia em âmbito nacional. www.naohomofobia.com.br

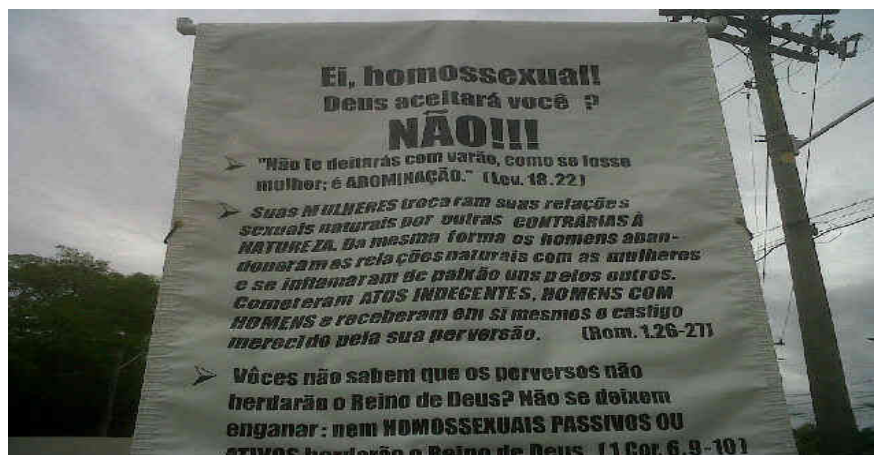
© Vera Couto

NITERÓI

ABRIL DE 2011

Sumário: 1. Introdução. 2. A moral na perspectiva espírita. 3. Breves anotações a respeito da exegese da Bíblia. 4. Breves anotações sobre a homossexualidade. 5. As implicações morais da homossexualidade na perspectiva espírita. 6. Conclusão. 7. Referências.

1. Introdução



Fonte: <<http://eutedigo.files.wordpress.com/2010/11/homofobia1.jpg>>

Apesar da resistência de diversos atores públicos e privados, vozes dos mais variados setores religiosos propalam aos quatro ventos um discurso de desqualificação da homossexualidade que se assenta na afirmativa de que a “heterossexualidade” é a única e legítima forma de exercício do desejo e que acaba, desse modo, por conferir inteligibilidade, importância e materialidade ao “sexo” biológico e “naturalidade” às diferenças de gênero e às subordinações culturalmente constituídas (Natividade, Oliveira, 2009).

A força desse discurso se faz presente na educação. Segundo pesquisa empreendida pela Universidade de Brasília em 25 livros de ensino religioso mais usados pelas escolas públicas deste país, a homossexualidade é qualificada como “desvio moral”, “doença física ou psicológica”, “conflitos profundos” ou algo que “não se revela natural” (Campos, 2010).

A VIOLÊNCIA NO BRASIL

O Grupo Gay da Bahia documentou 3.371 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no País desde 1980

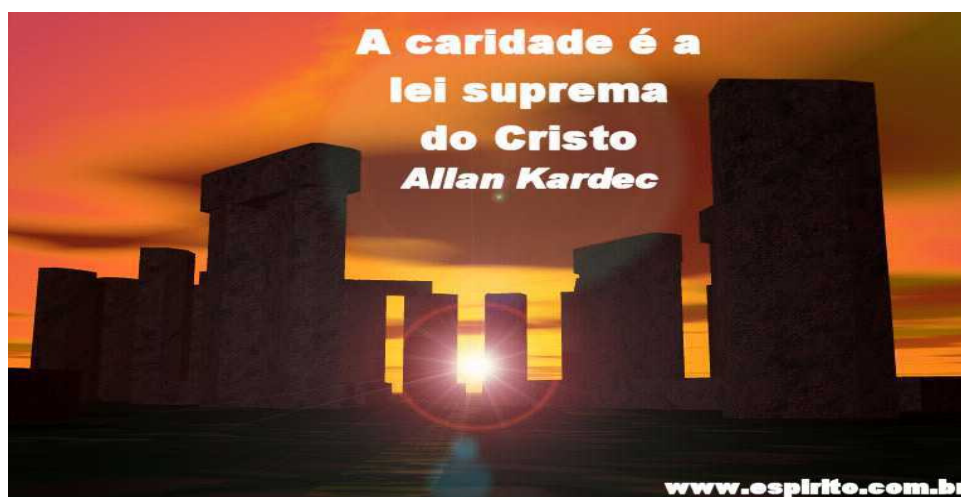


Fonte: http://bulevoador.haaan.com/wp-content/uploads/2010/11/homofobia_brasil.jpg

Esse discurso não passaria de mero exercício do direito de expressão se não contribuísse para que o Brasil fosse campeão mundial de assassinatos de homossexuais por motivo de orientação sexual (Villega, 2009) e de outras formas de discriminação (Natividade, Oliveira, 2009).

Desse modo, constitui objeto deste artigo a verificação, na perspectiva espírita, da adequação moral desse discurso de desqualificação da homossexualidade.

2. A moral na perspectiva espírita.



Fonte: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/papel/a-caridade.jpg>>

Segundo Allan Kardec (2006, p. 149):

O Espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de fazer o bem e evitar o mal. É uma ciência de observação que, repito, tem conseqüências morais, que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias, ele as abandona à consciência de cada um.

O trecho em comento guarda coerência com a definição de moral contida na Questão 629 do Livro dos Espíritos (Kardec, 2005a, p. 383), abaixo transcrita:

629. Que definição se pode dar da moral?

“A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.”

Para os fins deste estudo, também merece transcrição a Questão 886 do Livro dos Espíritos (Kardec, 2005a, p. 497):

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

A resposta dada à Questão 648 do Livro dos Espíritos (Kardec, 2005a, p. 389) impede o emprego dos textos bíblicos para legitimar situações conflitantes com a caridade, conforme abaixo se infere:

648. Que pensais da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade?

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do prisma pelo qual se considere o que quer que seja. A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”

Até mesmo a dor – a tão falada dor! – só alcança alguma relevância evangélica quando se encontra em consonância com a caridade. É o que ensina a resposta dada à questão 721 do Livro dos Espíritos (Kardec, 2005a, p. 422):

721. É meritória, de qualquer ponto de vista, a vida de mortificações ascéticas que desde a mais remota antiguidade teve praticantes no seio de diversos povos?

“Procurai saber a quem ela aproveita e tereis a resposta. Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam de colorir-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.”

Nem mesmo o celibato voluntário, em si, constitui um ato meritório. Como bem colocado por Allan Kardec ao comentar a resposta dada à Questão 699 do Livro dos Espíritos (Kardec, 2005a), tal sacrifício apenas possuirá valor moral quando motivado pela vontade de praticar o bem em prol da Humanidade.

Portanto, não resta dúvida de que o Espiritismo é uma ciência que estuda os fenômenos que interagem com o processo de construção de uma criatura humana benevolente, indulgente e capaz de perdoar. Toda e qualquer discussão travada no seu âmbito, em virtude da sua natureza de fé raciocinada, somente será doutrinariamente legítima se possuir rigorosa pertinência lógica com essa pauta de valores.

Parece exagero estabelecer uma pauta valorativa à racionalidade humana. Porém, a História tem sido testemunha das suas glórias e misérias. Se, de um lado, promoveu a melhoria material da Humanidade, de outro, a está levando à extinção. Isso ocorre porque a razão humana, em si, é neutra. Não busca, necessariamente, o bem comum. Busca, sim, a produção de resultados coerentes com as premissas que lhes serviram de argamassa.

Não é demais lembrar que essa linha de idéias não é estranha ao pensamento humano. Depois de assentar as bases para o entendimento de que apenas uma boa vontade pode ser qualificada como algo irrestritamente bom, Emmanuel Kant consignou que:

Na realidade, vemos que quanto mais se aplica a razão culta na busca dos gozos da felicidade e da vida, menos satisfeito está o homem. Daqui resulta este desgosto no uso da razão, acabando todos por sentir – sejam bastante sinceros para confessá-lo – certo grau de *misologia* ou ódio à razão, porque, computando todas as vantagens que extrai, não digo já da invenção de todas as artes do luxo vulgar, mas ainda das ciências – que no fim lhe aparecem como um luxo do entendimento -, deduzem, apesar disso, que carregaram mais penas e dores do que a felicidade que pudessem colher, invejando mais do que depreciando o homem vulgar, que é mais propício à direção do mero instinto natural, não consentindo que a sua razão exerça grande influência na propriedade de fazer ou de omitir. Até aqui, forçoso é confessar que o juízo dos que se rebaixam muito e, até se declaram inferiores aos ribombantes encômios dos grandes proveitos que a razão nos proporcionará, para a transação da felicidade e satisfação no decurso da vida, não é um juízo de homens entristecidos ou mal agradecidos às bondades do governo universal; pois em tais juízos, está implícita a idéia de outro e muito mais digno propósito e fim da existência, para o qual, não para a felicidade, é destinada, propriamente a razão; ante esse fim, como suprema condição, devem inclinar-se quase todos os fins peculiares ao homem.

Assim, pois, como a razão não é bastante apta para dirigir com segurança a vontade, no que concerne aos objetos deste e à satisfação de nossas necessidades – que nesta parte a própria razão se multiplica -, a cujo fim nos conduziria bem melhor um instinto natural ingênito; como, contudo, por outra parte, nos foi concedida a razão como faculdade prática, digamos, como uma faculdade que deve influir sobre a vontade, do que resulta que o destino verdadeiro da razão deve ser o de produzir uma vontade boa, não em tal ou qual respeito, como meio, mas boa em si mesma, coisa para a qual a razão era absolutamente necessária, se for assim, que a natureza na distribuição das disposições procedeu, de qualquer forma, como em sentido de finalidade. Essa vontade não há de ser todo o bem, nem o único bem; mas há de ser o bem supremo e a condição de qualquer outro, inclusive do desejo de felicidade, em cujo caso se pode, com justeza, tornar compatível com a sabedoria da natureza, se se adverte que o culto da razão, necessário para aquele fim primacial e incondicionado, restringe por muitos modos, pelo menos nesta vida, a consecução do segundo fim, sempre condicionado, a saber: a felicidade, sem que isso a natureza se conduza contrariamente a seu sentido finalista, porque a razão, que reconhece o seu destino prático supremo na fundação de uma boa vontade, não pode sentir no cumprimento de tal propósito senão uma satisfação de peculiar espécie, como seja a que nasce da realização de um fim que só a razão determina, se bem tenha ele que ir unido a algum quebranto para os fins da inclinação. (p. 40-41)

Logo, ao fixar raízes na assertiva de que fora da caridade não há salvação, o Espiritismo acabou por estabelecer que o perdão, a indulgência e a benevolência funcionam como pontos de partida e de chegada dos seus processos de argumentação para impedi-los de se afastarem dos seus fins genuinamente cristãos.

Em outras palavras, o perdão, a indulgência e a benevolência são os elementos filtrantes capazes de eliminar da argumentação espírita qualquer conteúdo doutrinariamente inválido, contrário aos seus propósitos. Com efeito, aquilo que consegue passar por tal filtragem, não encontrando qualquer obstáculo ao seu trânsito, ou constitui um ato caritativo, ou constitui um ato moralmente irrelevante. Porém, tudo aquilo que não consegue por ele transitar é doutrinariamente reprovável porque detém propriedades que se antagonizam com os seus elementos filtrantes e, por via de consequência, com as leis divinas, com a lei de caridade.

3. Breves anotações a respeito da exegese da Bíblia



Fonte: <<http://img.webme.com/pic/t/todosdejesus/opressaoreligiosa.jpg>>

Vários segmentos religiosos brasileiros encontram nos textos bíblicos a munição necessária para a “guerra santa” que travam contra a homossexualidade. Só que a Bíblia sempre esteve longe de oferecer uma mensagem única. Como bem lembrado por Elias Thomé Saliba (2008): “Ao mesmo tempo que afro-americanos recorriam à Bíblia para desenvolver sua teologia da libertação, a Ku Klux Klan a utilizava para justificar o linchamento dos negros”.

Essa contradição não é aparente. É real. Em interessante obra, Bart D. Ehrman (2010) esclarece que o texto da Bíblia é marcado por contradições inconciliáveis e por traços caracterizadores da homofobia, da misoginia e do racismo porque os livros que o compõem foram escritos e reescritos no transcorrer dos séculos, sofrendo a influência bem ou mal intencionada dos seus copistas.

Segundo o autor (2010), a inequívocidade da Bíblia ou o seu caráter de roteiro de vida não são mais defendidos pelos principais seminários protestantes dos Estados Unidos e da Europa porque:

(1) o método histórico-crítico permite descobrir todo tipo de erros e equívocos históricos e contradições internas em seu texto;

(2) houve livros inicialmente considerados canônicos e que hoje não mais pertencem ao seu corpo;

(3) um bom número dos seus livros foram assinados por pseudônimos, como por exemplo, por pessoas que utilizavam o nome de algum apóstolo;

(4) os Evangelhos foram escritos décadas depois da morte de Jesus por autores desconhecidos que herdaram os seus relatos da tradição oral, que é facilmente alterável;

(5) não foram encontradas as cópias originais de nenhum dos livros bíblicos e, sim, versões feitas séculos depois, todas elas alteradas.

As contradições inconciliáveis do texto bíblico e as manipulações por ele sofridas também foram estudadas por Ernest Renan (2006) em obra apontada pela espiritualidade superior como aquela que “achanou o caminho para o Espiritismo”(Kardec, 2005c, p. 878).

Mas não são apenas determinados segmentos protestantes que rejeitam a infalibilidade da Bíblia. Para o teólogo e sacerdote católico Benjamin Forcano (2006):

A Bíblia não é um texto sagrado, intocável, para ser aplicado como se fosse um ditado direto de Deus. A Bíblia não é um aerólito, não é algo caído do céu, mas um instrumento que ajuda a entender a vontade de divina tal como ela é percebida a partir dos condicionamentos culturais, irremediavelmente limitados, daquele tempo e sociedade.

Ao reconhecer que os atos da vida de Jesus são objeto de controvérsias (2002) e que a tentação narrada no Evangelho de Lucas não constituiu um ato físico ou moral (2005b), o próprio Allan Kardec já dava mostras de que o Espiritismo também não se filiava à doutrina da infalibilidade da Bíblia.

É claro que os diversos senões ao seu conteúdo não a desqualificam por completo. Com muita propriedade, Ernest Renan (2006, p. 33) observou que: “A humanidade é tão fraca de espírito que a mais pura coisa precisa da cooperação de algum agente impuro”. Por via de consequência, a filtragem do seu texto pelos elementos definidores da caridade é um recurso imprescindível para se extrair da Bíblia a mensagem puramente cristã.

Porém, é importante destacar: tal filtragem não é uma proposta original deste trabalho. Conforme narrativa de Elias Thomé Saliba (2008), após constatar que os textos dos testamentos judaicos e cristãos, desde os tempos mais primitivos, vinham sofrendo a inclusão de contraditórias visões de mundo, Karen Armstrong propôs uma exegese bíblica baseada na caridade e na benevolência, estabelecendo para os judeus, para os cristãos e para os muçulmanos o dever de elaboração de uma contranarrativa que enfatizasse as características benignas de suas tradições culturais, com afastamento de qualquer interpretação que espalhasse o ódio.

A “Bíblia de Jefferson” é um dos exemplos desse esforço. Considerado um dos pais da nação estadunidense, Thomas Jefferson, fazendo uso de várias línguas, antigas e modernas, selecionou e anotou todos os aforismos morais e parábolas de Jesus e excluiu todas as menções ao inferno, à condenação eterna, à igreja institucionalizada e aos milagres para, em 1813, chegar ao “mais sublime e benevolente código de ética já oferecido ao homem.” (Saliba, 2008)

Percebe-se, portanto, que, independentemente do tema, não é dado espírita fazer uso de citações deslocadas e mecânicas do texto bíblico para, em nome do Espiritismo, construir argumentos contrários à caridade ensinada por Jesus.

4. Breves anotações sobre a homossexualidade

A homossexualidade é uma orientação sexual caracterizada por uma duradoura atração emocional, romântica, afetivo-sexual que um indivíduo sente por outro do mesmo sexo (Bastos, 2006). O teólogo católico canadense Gregory Baum (2007) explica ainda que:

Em primeiro lugar, as ciências psicológicas e antropológicas descobriram que a orientação homossexual não é nem uma doença, nem uma perversão da natureza, mas uma variante absolutamente natural que diz respeito a uma minoria de homens e mulheres.

Durante os anos sessenta e setenta, organismos profissionais, aí compreendidas associações de médicos, mudaram, por isso, seu juízo negativo com respeito ao fenômeno homossexual.

Para o Psicanalista e Sacerdote Marc Oraison, citado por Edênio Valle (2006), a homossexualidade, em si, "não comporta nenhuma maldade moral", não podendo ser considerada pecado quando ensejasse "uma verdadeira relação intersubjetiva".

Não foi por outro motivo que o Conselho Federal de Psicologia, ao editar a Resolução CFP N° 001/99, destacou nos seus *consideranda* que a "homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão" e que "a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade" para, mais adiante, proibir a participação de psicólogos em eventos e serviços destinados ao tratamento e à cura da homossexualidade no parágrafo único do seu art. 3°.

Walter Barcelos (2006), com base em conhecimento espiritista, salientou que:

A homossexualidade não é uma opção que a pessoa assume e possa escolher por livre e inteira vontade, na sua vida presente. A forte tendência psíquica para a homossexualidade já está embutida na mente do espírito, muito antes do fenômeno da formação do corpo físico (p. 135)

Assim se posicionou o ilustre autor porque:

Segundo a Doutrina Espírita, as causas da homossexualidade não são nem biológicas, nem químicas, nem fisiológicas, nem do ambiente familiar ou social e nem propriamente atuação possessiva de espíritos viciados. Tal estrutura psicológica com diversas unidades psíquicas complexas na mente da criança e do adolescente não se formaria com alguns dias, alguns meses ou em poucos anos do período infantil. Em verdade, as causas são psíquicas e bastante profundas, que se originam no campo mental do espírito reencarnado e que, na maioria dos casos, se revelam a partir da infância e da adolescência. (p.139-140)

É por isso que:

A intenção reparadora de querer mudar a estrutura psicológica integral do filho homossexual para heterossexual seria o mesmo comportamento ilusório e bisonho de intentar destruir um resistente portão de ferro, a golpeá-lo insistentemente com os próprios punhos. (Barcelos, 2006, p. 141)

5. As implicações morais da homossexualidade na perspectiva espírita.

Dia Mundial de Luta Contra a Homofobia

Ato a favor da paz e pela
criminalização da homofobia
17 de Maio, Campo Grande, 14 hrs

Por que odiar
uma pessoa
pela sua forma
de amar?

UNI G-Mob
http://nucleounisex.org

Conforme já dito, nenhuma argumentação será, para os fins espiritistas, válida se colidir com o processo de construção de um ser humano caridoso. Isso também vale para as cogitações espíritas a respeito da homossexualidade, apesar desse tema haver experimentado, algumas vezes, subversão do seu campo de estudo em virtude do preconceito.

Desse modo, há de se indagar:

A homossexualidade, a manifestação de afeto e amor por pessoa do mesmo sexo, constitui, *per si*, um comportamento contrário à lei de caridade, isto é, fere a lei de perdão, a lei de indulgência ou a lei da benevolência?

Definitivamente, não. Nenhum esforço argumentativo é capaz de demonstrar que uma relação afetivo-sexual entre pessoas de idêntico sexo, em si mesma considerada, revela a ausência de perdão, de indulgência e de benevolência, ou seja, da caridade ensinada pelo Cristo. É claro que outros parâmetros podem ser adotados para desqualificá-la. Mas como já demonstrado, não poderão integrar o processo racional de argumentação espírita porque estranhos à sua pauta valorativa.

Em verdade, a homossexualidade é um indiferente moral, incapaz de definir, por si só, o caráter de um indivíduo porque destituída de qualquer capacidade para estipular a sua maior ou menor proximidade com os caracteres elencados na Questão 918 do Livro dos Espíritos (Kardec, 2005a, p. 516) como sendo aqueles que definem de um ser humano de bem. Essa capacidade pertence, com exclusividade, às suas ações.

Por outro lado, o atávico impulso de muitos em desqualificá-la revela uma das facetas mais cruéis da espécie humana e um comportamento contrário à moral cristã.

6. Conclusão



CARIDADE

DO LAT. CARITAS S. F., UM SENTIMENTO OU UMA AÇÃO ALTRUISTA DE AJUDAR O PROXIMO SEM BUSCAR QUALQUER TIPO DE RECOMPENSA; AMOR AO PROXIMO; BONDADE; BENEVOLENCIA; COMPAIXÃO.

O Espiritismo é a fé raciocinada que confere concretude ao cristianismo redivivo. Diante disso, a caridade - representada pelo perdão, pela indulgência e pela benevolência - funciona como filtro verificador da validade de qualquer esforço argumentativo desenvolvido no seu âmbito de cogitações. Abusos e desvios, quando ocorrem, derivam, invariavelmente, da inobservância dessa perspectiva.

E quando aplicado às relações homoafetivas, esse filtro demonstra cabalmente que não há qualquer motivo pautado nas regras da razão para desqualificá-las. A homossexualidade e a forma como é vivida constituem indiferentes morais, reveladores da complexidade do psiquismo humano, sem jamais interagir no seu processo de evolução espiritual.

Todavia, esse filtro também demonstra que o discurso de desqualificação da homossexualidade e das relações homoafetivas apresenta-se completamente contrário à caridade cristã por revelar uma completa intolerância com aqueles que apresentam uma forma de amar diversa daquela ritualisticamente assentada no imaginário coletivo.

Portanto, sem receio de cometer engano, pode-se afirmar, com suporte na lógica espírita, que o discurso desqualificador da homossexualidade, independentemente do seu tom, sempre será filho da homofobia e um agigantado obstáculo ao crescimento moral da raça humana.

7. Referências

BARCELOS, Walter. Homossexualidade, reencarnação e vida mental. Votuporanga: Casa Editora Espírita Pierre-Paul Didier, 2005.

BASTOS, Gibson. Além do rosa e do azul: recortes terapêuticos sobre homossexualidade à luz da doutrina espírita. Rio de Janeiro: Edições Leon Denis, 2006. 180p.

BAUM, Gregory. O amor homossexual. 2007. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&...> Acesso em 7 ago. 2006.

Campos, João. Ensino religioso no Brasil estimula o preconceito e a intolerância. 2010. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=3506>>. Acesso em 19 abr. 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n. 001, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <<http://www.pol.org.br/legislacao/resolucoes.cfm?ano=1999>>. Acesso em: 08 ago. 2007.

EHRMAN, Bart D.. Quem Jesus foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro. 2010.

FORCANO, Benjamin. Fundamentalismo de Batina. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_forcano.pdf>. Acesso em 07 ago. 2007.

KANT, Emmanuel. Fundamentos da metafísica dos costumes. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel. Clássicos de Bolso. Rio de Janeiro: Ediouro.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Tradução de Guillon Ribeiro. 120.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2002.

_____. O livro dos espíritos: princípios da doutrina espírita:espiritismo experimental. Tradução de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2005. 604p.

_____. A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2005. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/apresentacao/1,0,0,389,0,0.html>>. Acesso em: 23 mar. 2007.

_____. Obras Póstumas. Tradução de Guillon Ribeiro Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2005. Disponível em:<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Obras%20B%C3%A1sicas/op.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

_____. O que é o Espiritismo: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos, com o resumo dos princípios da doutrina espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2006. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Obras%20B%C3%A1sicas/oe.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. 2009. Disponível em:< <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewArticle/32/445>>. Acesso em 19 abr. 2011.

RENAN, Ernest. A vida de Jesus: origens do cristianismo. Tradução de Eliana Maria de A. Martins. Coleção a obra-prima de cada autor. Série Ouro. São Paulo: Martin Claret. 2006.

SALIBA, Elias Thomé. Usos e abusos dos textos bíblicos. 2008. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=466ASP004>>. Acesso em 10 abr. 2011.

VALLE, Edênio. a igreja católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de posições. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf> Acesso em: 15 jul 2007.

VILLELA, Danielle. Fundador do GGB faz balanço sobre 30 anos do movimento LGBT. 2009. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=1261887>>. Acesso em 20 abr. 2011.